



O pan-africanismo de Amílcar Cabral: questões e temas atuais

GUSTAVO DE ANDRADE DURÃO^{1*}

Introdução

Como a grande parte dos pensadores africanos Amílcar Cabral era um assimilado, um mestiço cujo papel poderia ter sido reproduzir os valores da pequena burguesia da qual fazia parte. Ele teve acesso ao sistema de estudo superior em Portugal e mais tarde viria a fazer parte do hall de pensadores lusófonos tais como Mario de Andrade, Eduardo Mondlane e Agostinho Neto todos engajados no processos de luta anticolonial de seus países.

Amílcar Cabral nasceu no ano de 1924 em Bafatá na Guiné Bissau, embora seus pais fossem cabo-verdianos. Esse movimento migratório era muito comum já que Cabo Verde era frequentemente assolado por longos períodos de secas (LOPES, 2013: 9). O arquipélago de Cabo Verde traz em sua história um ciclo de seca, fome, desequilíbrio demográfico e uma distribuição de terras extremamente desigual, tudo isso fruto de uma colonização desenfreada por parte de Portugal (MENDY, 1994: 97)

Cabo Verde, diferentemente da Guiné Bissau chegou a fazer parte de um projeto ligado ao povoamento de seu território, contudo à partir de 1930 com o acirramento das relações políticas da ditadura de Salazar os dois países ficaram mais restritos de recursos e seus habitantes sentiram com maior vigor a exploração (DAVIDSON, 1988: 35).

A sua argumentação teórica atravessou as barreiras geográficas dos países dentre os quais buscou representar, sobretudo, porque sua militância atrelada ao seu engajamento apesar de toda a situação colonial. O próprio contexto de situação colonial amenizado por Georges Balandier (1963, p. 16-20) acabou sendo desconstruído pelo pensamento cabralino à medida em que ele preferiu a utilização do conceito de dominação colonial mais abertamente.

* Prof. Dr. Gustavo de Andrade Durão (Pós-Doutor – PUC-Rio) A presente pesquisa foi elaborada durante o período de Pós-Doutorado pela UFRRJ com bolsa da CAPES/PNPD e sob a supervisão do professor Dr. Roberto Guedes Ferreira.

Um dos momentos importantes na trajetória de Amílcar Cabral foi quando fez parte da Casa dos Estudantes do Império entre 1948 e 1951. Ele foi para Lisboa e graças a uma bolsa da CEI ele cursou o a cadeira de Engenharia Agrônoma que lhe rendeu um amplo conhecimento das realidades político-econômico-sociais tanto das colônias africanas onde se sentia inserido (PEZARAT-CORREIA, 2007: 3).

Em fins da década de 1950 Cabral ajudou a fundar e esteve à frente do PAIGC (Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde) sendo nesse contexto que iniciou um processo de interlocução intelectual e política para os dois países. A sua ação no PAIGC foi, fundamentalmente, o que propiciou uma série de inovações no pensamento anticolonial, e uma militância que impactou no fascismo do governo português. O pensamento cabralino agiu em sincronia com a Revolução dos Cravos que em 25 de abril de 1974 derrubou o regime salazarista, muito embora o político do PAIGC lutasse em outra frente (LOPES, 2011: 10).

Destarte o pensamento de Amílcar Cabral foi pan-africano porque uniu duas perspectivas divergentes de luta de emancipação entre Guiné Bissau e Cabo Verde, mas, contraditoriamente foi também uma história regional, visto que havia uma preocupação com os aspectos culturais específicos dos dois países. Ele teve ainda uma preocupação mais global com o continente (LOPES, 2011: 168).

“Desde os primeiros momentos do seu ativismo, ele esteve sempre em contato com outros africanos. Em 1957, teve uma breve participação na Conferência da Organização de Todos os Povos Africanos (All African Peoples Organization Conference), realizada em Tunes (CHICOLTE, 1983: 16).”

Sua perspectiva analítica global nunca limitou as suas análises, elaborando uma contestação ao colonialismo português (preconizado como um dos mais amenos dentre os sistemas de dominação) e ainda dialogando com outros pensadores africanos, é possível conceber Amílcar Cabral como um pensador diaspórico. Suas análises atravessaram o espaço africano e, atualmente, já é inserido no cânone dos pensadores anticoloniais ou pós-coloniais. Suas noções de unidade, luta e cultura são essenciais para a compreensão das análises contemporâneas, entretanto, a noção de cultura representou parte de sua originalidade como pretende-se demonstrar nessas breves linhas.

As análises de sua obra até agora elaboraram os contextos e realizam análises dos seus textos contribuindo para o campo historiográfico e para as ciências sociais em geral. As obras de Patricia Villen, Leila Hernandez e Carlos Lopes¹ definem um padrão de interpretações que

¹ VILLEN, Patricia. Amílcar Cabral e a crítica ao colonialismo. São Paulo: Expressão Popular, 2013.; HERNANDEZ, Leila Leite. Os filhos da Terra do Sol. A formação do Estado-nação em Cabo Verde. São Paulo:

buscavam compreender o anticolonial, contudo enquanto pensador pós-colonial e teórico de um “mundo atlântico” mais vasto ele não foi amplamente analisado (WILLIANS&CHRISMAN, 1994: 15).

O militante e intelectual Amílcar Cabral

A trajetória de Cabral foi bastante breve, sendo assassinado em 20 de janeiro de 1973, em Conacry (Guiné), muito provavelmente por algum agente infiltrado da PIDE – a polícia política portuguesa. Contudo, sua capacidade de articulação chama até hoje a atenção por exemplificar a união entre teoria e prática, assim: “não contente de preconizar o enraizamento do fenômeno revolucionário dentro da alma e das realidade populares, ele é interligado à essa tarefa cotidiana dentro do combate dos *maquis*² como dentro das realizações camponesas mais pacíficas” (TOBNER&BETI, 2001: 56 – tradução livre do autor).

De alguma maneira Cabral foi filho da geração de 1960 e acompanhou alguns dos processos de independência dentro do continente africano e além da denúncia ao colonialismo português foi mais além exaltando a necessidade de se refletir sobre os nacionalismos. Ele esteve atuante praticamente do mesmo modo que outros pensadores/revolucionários a dizer Che Guevara, Frantz Fanon, Patrice Lumumba e Kwame Nkrumah (LOPES, 2011: 9).

De modo análogo a Fanon, Amílcar Cabral também estabeleceu um método para o uso da violência, em uma estratégia para desarticular o colonialismo português, mas o seu elã foi compreender de que modo a luta pela libertação nacional era um ato de cultura. A sua ação no PAIGC foi, fundamentalmente, o que propiciou uma série de inovações no pensamento anticolonial, e uma militância que impactou no fascismo do governo português e culminou na Revolução dos Cravos em abril de 1974 (LOPES, 2011: 10).

Destarte o pensamento de Amílcar Cabral foi pan-africano porque uniu duas perspectivas divergentes de luta de emancipação entre Guiné Bissau e Cabo Verde, mas, contraditoriamente foi também uma história regional, visto que havia uma preocupação com os aspectos culturais específicos dos dois países. Ele teve ainda uma preocupação mais global com o continente (LOPES, 2011: 167).

“Desde os primeiros momentos do seu ativismo, ele esteve sempre em contato com outros africanos. Em 1957, teve uma breve participação na Conferência da Organização de Todos os

Summus, 2002.; LOPES, Carlos. Amilcar Cabral – Recueil de textes introduit par Carlos Lopes. Genève: CETIM, 2013.

² Os Maquis eram como foram chamados os resistentes ao colonialismo, indivíduos que lutaram na guerra de guerrilha participando dos combates nas matas e selvas, fundamentalmente.

Povos Africanos (*All African Peoples Organization Conference*), realizada em Tunes (CHICOLTE, 1983: 16).”

Dotado dessa perspectiva global, sem limitar as suas análises, elaborando uma contestação ao colonialismo português (visto como um dos mais amenos dentre os sistemas de dominação) e ainda dialogando com outros pensadores africanos, é possível conceber Amílcar Cabral como um pensador da diáspora. Suas análises atravessaram o espaço africano e, atualmente, já é inserido no cânone dos pensadores anticoloniais ou pós-coloniais. Suas noções de unidade, luta de libertação e cultura são essenciais para a compreensão das análises cabralinas, entretanto, somente essa última será possível de se trabalhar aqui.

O pensamento Amílcar Cabral foi fundamental por instrumentalizar tanto a noção de independência quanto a sua relação no campo político, sem ele Guiné-Bissau e Cabo Verde não teriam alcançado a emancipação e a África falante do português não teria a dimensão de todo o desgaste colonial. O PAIGC (Partido Africano pela Independência da Guiné e de Cabo Verde) representou o campo e o espaço para que as noções pan-africanas e anticoloniais se difundissem. O colonialismo português tentava sempre se moldar às realidades africanas, mas somente no âmbito retórico sendo a articulação de Amílcar Cabral um dos momentos mais significativos em que diferentes nacionalidades se uniram em prol da luta pela autodeterminação dos povos (BOUKARI-YABARA, 2014: 208).

Espera-se ser possível compreender de que modo a articulação de Amílcar Cabral se espalhou para outros contextos político-sociais representando uma crítica ao colonial, mas também aos processos de subjugação de uma nação sobre, em que um país colonizador buscava o estiolamento dos traços político-culturais dos colonizados.

Conceito de cultura em Amílcar Cabral

De alguma maneira a noção de Amílcar Cabral sobre a cultura e militância podem ter ganhado força quando em fins da década de 1960 Eduardo Mondlane foi assassinado no auge da luta anticolonial de Moçambique. A relação entre cultura e política ficou bastante acentuada, principalmente pelo contato com outros escritores extremamente engajados com a luta anticolonial e, certamente, o legado de Cabral demorou, mas foi vinculado entre os seus pares. Como percebe-se abaixo:

“As exposições, conferências e artigos reunidos por Mario de Andrade, em dois volumes ‘Arma da Teoria’ e ‘A Prática Revolucionária’ não foram publicados antes de 1975 (WAUTHIER, 1977, 328-9).”¹

As publicações demoraram a sair, contudo a poesia de contestação foi crescente entre os pensadores do Centro de Estudos Africanos de Lisboa. Os livros de Cabral influenciaram Agostinho Neto (Angola) e Francisco José Tenreiro (São Tomé e Príncipe) dois intelectuais proeminentes nos processos de libertação de seus países (WAUTHIER, 1977: 307).

No texto em seu livro *Unidade e Luta* (1974) foi um compendio lançado para demonstrar um pouco do pensamento político-intelectual de Amílcar Cabral. Mais especificamente o trecho constituído no capítulo 4, intitulado: “a cultura nacional”, aborda uma série de elementos importantes para compreender o conceito de cultura para o autor e como ele se integra na luta de libertação nacional. Para Cabral, a nação dominadora precisou pegar em armas para dominar um povo, o que eram as últimas consequências no processo colonial, contudo para neutralizar um grupo bastava paralisar sua vida cultural (SANCHES, 2011: 357).

Nesse curto espaço serão abordadas algumas das noções de cultura para Cabral visto que as “forças produtivas” eram também os meios socioculturais para um povo. Segundo o pensador guineense era preciso compreender os métodos de dominação e é possível afirmar que as melhores análises acerca do método de dominação colonial vêm desse autor, sobretudo, quando ataca a alienação disseminada pela assimilação portuguesa.

Ao que parece a sua métrica de compreensão das tentativas de aculturação visavam contribuir na identificação da importância de uma cultura. Segundo ele era necessário acabar com os essencialismos raciais os quais definiam que a “cultura do negro” era inferior e que por isso os colonizadores precisavam assimilar as “culturas africanas” (VILLEN, 2013: 168-9). Dito de outra maneira a aculturação inserida na empreitada colonial não promovia uma aculturação dos estratos sociais camponeses, mais especificamente não atingia os camponeses.

A assertiva de que os africanos não poderiam ter a afirmação dos seus traços culturais definidos acabava contribuindo para um sub-reptícia dominação em um campo análogo: o político. Por isso, a retórica da assimilação portuguesa foi tão incentivada, sobretudo após o fim da Segunda Guerra Mundial.

A ação do pretendido colonialismo missionário português é também acusada de ser uma retórica sem efeito prático significativo na população africana colonizada, em particular na Guiné onde, diferente de Cabo Verde, havia uma

¹ “Des exposés, conférences et articles, réunis par Mario de Andrade, en deux volumes, *l’Arme de la théorie et la Pratique révolutionnaire* n’ont été publiés qu’en 1975 (WAUTHIER, 1977, 328-9).”

menor concentração de colonos portugueses e de africanos assimilados” (VILLEN, 2013: 170-1).

Como bem pontua Cabral, na lógica de domínio imperialista era ideal: Primeiramente, liquidar praticamente toda a população do país o impor-se sem afetar a cultura do povo dominado, isto é, harmonizar o domínio econômico e político desse povo com sua personalidade cultural. Contudo “não é possível harmonizar o domínio político e econômico de um povo, seja qual for o seu grau de desenvolvimento (SANCHES, 2011: 358).”

Destarte, a pretensa teoria da assimilação das populações nativas não é totalmente verdadeira, mas sim uma tentativa de negar a cultura em questão. O Regime Ditatorial Salazar afirmaria que a África não existe e nesse sentido, Cabral enfrentava-o criticando fortemente o sistema de clivagens étnicas já em curso na África Austral.

A libertação nacional ato de cultura

Para Amílcar Cabral a cultura era, sobretudo, o fruto da história de um povo e o domínio imperialista trabalhava para a negação de um processo histórico do povo dominado por meio da usurpação violenta da liberdade do processo de desenvolvimento das forças produtivas (SANCHES, 2011: .359). Interessante notar as relações que Cabral faz das forças produtivas associando essas forças à capacidade de expressar a “cultura” ou seja, as bases de um povo. Sua associação entre o controle da produção agrícola e a dinâmica excludente do capitalismo (que rejeitava as expressões da produção cultural) aparece como elemento chave e uma das mais importantes analogias realizadas por ele, demonstrando sua dupla vertente de cientista e filósofo.

De acordo com esse pensador, somente a luta de classes conferiria o fator principal da História de cada povo. Ou seja, o nível das forças produtivas é verdadeira e permanente força motriz da História (SANCHES, 2011: 360). Para tentar resolver esse problema e de certo modo uma “crise de identidade” das duas nacionalidades o pensador defende que era condição *sine qua non* diante da dominação realizar um “retorno às bases”. Essa busca das origens estaria nas mãos da pequena burguesia, responsável pelo protagonismo dessas novas manifestações culturais (LOPES, 2013: 77).

Mas será que Cabral fala que as produções mesmo culturais são essenciais como motor da História e propõe linhas de interpretação? Será que defende uma elite intelectual que se responsabilize pela constituição da cultura nacional do mesmo modo que Fanon? Certamente,

de modo análogo a Fanon, o pensador do PAIGC acreditava que o objetivo da libertação nacional era reconquista do direito usurpado pelo domínio imperial. Sendo a libertação do processo a retomada do desenvolvimento das forças produtivas nacionais. Ele defendia que somente a capacidade de um povo desenvolver os seus modos de produção (mais adequados à sua realidade) auxiliaria no seu desenvolvimento (SANCHES, 2011: 361).

Os povos africanos sobre o estigma da colonização estavam em um processo de marginalidade dentro dos sistemas-mundo e só desenvolviam suas características culturais, geralmente, em situação de desenraizamento. As elites culturais estavam sempre destacadas dos valores dos autóctones e a pequena burguesia não se dava conta do seu distanciamento dos valores culturais. Demoraria muito tempo para que os grupos sociais criassem de modo conjunto um projeto e definições culturais comuns (LOPES, 2013: 76). “Vemos assim que, se o domínio imperialista tem como necessidade vital praticar a opressão cultural a libertação nacional é necessariamente um ato de cultura” (SANCHES, 2011: 361).

Acredita-se que ele está fazendo uma dura crítica ao pan-africanismo e ao Movimento da Négritude como movimentos que não definiram características culturais *in loco*, sempre realizando um processo de imitação dos valores europeus, mesmo que estivessem defendendo uma contestação desses valores. A pequena burguesia assimila os valores do colonizador para se destacar dos valores culturais do povo. Amílcar Cabral afirma a necessidade de uma reafricanização das mentalidades (VILLEN, 2013: 179-180).

Definindo o caráter da cultura de classe, Cabral lembra ainda da importância em se compreender as características das massas, ressaltando o caráter popular da cultura que não é um privilégio de algumas classes. A cultura se desenvolve uniformemente, se desenvolve em diversas formas em cada setor da sociedade (SANCHES, 2011: 362).

Um último aspecto lembrado por Cabral foi a relação que dever ser explícita entre o fator cultural e o fator econômico. Quando a Ditadura Salazarista afirmava que a África não tinha sua cultura, estava abrindo um precedente para instituir suas organizações políticas e institucionais dando maior abertura ao domínio colonial. O caráter de classe deve ser o mais relevante nos movimentos de libertação mesmo quando essa categoria está no estado inicial e a cultura pode ter esse fator aglutinador (SANCHES, 2011: 363).

Quando Amílcar Cabral aponta que a alienação cultural pode inclusive atingir os dirigentes políticos mais célebres, podia estar fazendo críticas a governantes como Léopold Senghor (Senegal) e Mobutu Sese Seko (RDC) e ainda apontava que os processos de instalação dos chefes dentro das comunidades locais era uma maneira de manter a dominação colonial dentro dos grupos, tal como aconteceu com os fulas (SANCHES, 2011: 364-5).

Segundo Amílcar Cabral a cultura é um instrumento basilar para os debates e caracterização dos movimentos de emancipação e por isso necessitavam de ampla investigação. As coordenadas da cultura sempre se modificam no tempo e espaço, quer sejam materiais, físicas ou humanas (biológicas e sociais). Ele apontava o fato de que há várias culturas africanas e que não se pode legar tudo ao continente de modo homogêneo, isso deixou sua teoria em uma condição favorável a se pensar os projetos de unidade que se seguiriam.

Um escritor diaspórico ou pan-africano?

Os estudos pós-coloniais caracterizam Amílcar Cabral como um pensador importante da teoria pós-colonial em um processo em que a “voz do outro” pode representar um novo campo de saberes, sobretudo por conta da grande complexidade de sua produção teórica. de conhecimento sobre o outro. De alguma maneira os escritores africanos e afro-centrados buscaram maneiras de realizar as análises desse mundo colonial, contudo, isso não seria possível se houvesse um desenraizamento. Esse deslocamento intelectual foi apropriado por Paul Gilroy que utilizou-se da noção de diáspora para ilustrá-lo.

Sugiro que devemos reconsiderar as possibilidades de escrever relatos não-centrados na Europa sobre como as culturas dissidentes da modernidade do Atlântico Negro têm desenvolvido e modificado este mundo fragmentado, contribuindo amplamente para a saúde de nosso planeta e para suas aspirações democráticas (GILROY, 2001: 16).

As definições de Gilroy foram essenciais para compreensão do modo de escrita desses pensadores, sem os quais o pensamento africano ou afro-americano não teriam lançado as suas primeiras definições. Os processos históricos de “ladinização”, por exemplo, incluíam o batismo e a conversão dos primeiros escravos em Cabo Verde no século XV, demonstrando uma determinada necessidade de apagar as “heranças” africanas dos escravizados. Mas no caso de Amílcar Cabral apesar dos seus estudos na metrópole, ele se voltou para uma noção de solidariedade africana e reconstrução de uma identidade étnica mais ligada aos valores do continente ainda em construção (FOBAJONG, 2011: 168).

Apesar de não ser a intenção adentrar nos meandros do conceito a noção de diáspora “se tornou agora integral a este empreendimento político, histórico e filosófico descentrado, ou, mais precisamente, multi-centrado” passou a ocupar as redes de circulação de ideias. Vale lembrar que esse autor alargou a noção de diáspora tendo em vista as necessidades de se repensar os campos político, histórico e filosófico suscitando alterações que possibilitaram a

análise e recorte de narrativas mais plurais (GILROY, 2001: 16-7). Ainda nas palavras do autor (GILROY, 2001: 18): “Conceito de diáspora pode oferecer alternativas reais para a inflexível disciplina do parentesco primordial e a fraternidade pré-política e automática.”

Certamente mais pan-africanista do que um pensador diaspórico, Amílcar Cabral articulou seu projeto de independência com países como Gana, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe e Guiné (Conakry). Os expoentes das independências africanas que afirmaram ter sido influenciados pelo seu pensamento foram Eduardo Mondlane (Frelimo), Agostinho Neto e Mário de Andrade (MPLA), Marcelino dos Santos (Moçambique), Francisco José Tenreiro (São Tomé e Príncipe), entre tantos outros (FOBAJONG, 2001: 169).

Todos esses expoentes das Independências da África falante do português tinham um sentimento conjunto de necessidade de libertação do jugo colonial e Cabral foi um dos mais inflamados atores-autores desse processo de descolonização. De alguma maneira esses pensadores e suas respectivas tentativas de libertação do domínio colonial representaram uma contestação dos paradigmas culturais-epistemológicos, mas igualmente políticos que desqualificavam e tentavam sobrepor seus saberes aos colonizados, vistos na maioria das vezes “marginais”. Ou seja, Amílcar Cabral foi responsável pelo processo pan-africanista de integração rejeitando um sistema de dominação global que reforçava a centralidade dos saberes como única fonte de produção e recepção de saberes de mundo (SANTOS, 2009: 9-11). Como alguns historiadores interpretam Amílcar Cabral seria pan-africano porque uniu dois territórios tão diferentes em torno de uma luta em comum.

Do ponto de vista econômico e social ele compreende que Cabo Verde insular e a Guiné-Bissau continental são dois territórios incluídos no império geograficamente disperso podem e devem se unir para se emancipar da tutela portuguesa (BOUKARI-YABARA, 2014: 207).⁵

A capacidade de Cabral para trabalhar com os Estados vizinhos nos primeiros anos de luta é um sinal de sua visão como regionalista e pan-africanista (FOBAJONG, 2011, p.171).

Considerações finais

Sua característica de “aglutinador” do pensamento africano revolucionário forneceu um lugar de destaque desse pensador responsável pela libertação quase concomitante de Cabo Verde e Guiné Bissau. A sua noção de unidade e de solidariedade africana deve ser ainda

⁵ “Du point de vue économique et sociologique, comprend-il, le Cap-Vert insulaire et la Guiné-Bissau continentale, deux territoires inclus dans un empire géographiquement éclaté, peuvent, et doivent, s’unir pour s’émanciper de la tutelle portugaise (BOUKARI-YABARA, 2014: 207).”

analisada e repensada, pois sua noção de conjunto era central e o valor de sua percepção se baseava no projeto de que para “qualquer país africano seja verdadeiramente independente, toda a África tem que ser independente.” Essa visão de Amílcar Cabral o define como um autor que ultrapassou o ativismo político, demonstrando a força e a necessidade de projetos em comum num mundo sobre tamanhas transformações diante do capitalismo global.

Bibliografia:

- BALANDIER, Georges. *La notion de Domination Coloniale*. Paris: La Découverte, 1963.
- BOUKARI-YABARA, Amzat. *Africa Unite! Une Histoire du Panafricanisme*. Paris: LA Découverte, 2014.
- CHICOLTE, R. *Amílcar Cabral: revolutionary theory and practice*. Boulder: Lynne Rienner, 1991.
- DAVIDSON, David. *As ilhas afortunadas*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.
- FOBAJONG, John. *Articulando as visões Regionalistas e Pan-africanistas de Cabral*. In: LOPES, Carlos (org.). *Desafios contemporâneos da África. O legado de Amílcar Cabral*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Edições 34, 2001.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *Os filhos da Terra do Sol. A formação do Estado-nação em Cabo Verde*. São Paulo: Summus, 2002.
- LOPES, Carlos (org.). *Desafios contemporâneos da África. O legado de Amílcar Cabral*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- LOPES, Carlos. *Amilcar Cabral – Recueil de textes introduit par Carlos Lopes*. Genève: CETIM, 2013.
- MENDY, Peter M. *Colonialismo português na África: A tradição da resistência na Guiné-Bissau (1979-1959)*. Bissau: INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1994.
- PEZARAT-CORREIA, Pedro. "Amílcar Cabral, o combatente da libertação colonial e o cidadão africano." *CEAUP-Working Papers* 8 (2007).
- SANCHES, Manuela Ribeiro. *Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

TOBNER, Odile & BETI, Mongo. Dictionnaire de la Négritude. Paris: L'Harmattan, 2001.

VILLEN, Patricia. Amílcar Cabral e a crítica ao colonialismo. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

WATHIER, Claude. L'Afrique des Africains – Inventaire de la Négritude. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. Colonial Discourse and Post-colonial Theory – A reader. Edingburgh: Longman, 1994.